

REGISTROS EM NARRATIVAS: EXPERIÊNCIAS DE UMA PESQUISA PARTICIPANTE NAS INTERFACES ENTRE A PALAVRA E A IMAGEM

Wunder, Alik – UNICAMP

GT: Educação Popular/nº6

Agência Financiadora: FAPESP

Este texto traz algumas reflexões a respeito da escritura de uma pesquisa de Mestrado como busca de aproximação entre as linguagens das ciências e das artes, nas interfaces entre as narrativas escritas e imagéticas. Vagueando por diferentes identidades narrativas a pesquisadora procura trazer as linguagens escritas e fotográficas como criações e não tentativa de reprodução nua e crua dos fatos, como matérias-primas e não instrumentos da pesquisa.

O texto da dissertação é a história de uma experiência de pesquisa realizada na Barra do Ribeira (Iguape-SP). As perguntas que direcionam a pesquisa foram sendo tecidas e destecidas com os fios diversos colhidos das experiências em campo e das experiências de leituras. A escritura é assim, uma busca constante de trazer para o campo científico os fluxos e refluxos da experiência como pesquisadora e educadora, os “saberes da experiência”.

Para Jorge Larrosa a experiência é "o que nos acontece" e não "o que acontece", e o saber da experiência os sentidos que damos a este acontecido em nós, então saberes da experiência não poderiam ser vinculados a conhecimentos e verdades universais e únicas:

"Trata-se de um saber finito, ligado à experiência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular [...], por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal."

Esta perspectiva menos essencial e fixa de saberes nos leva a compreendê-los como constante transformação. Tendo como característica metodológica a pesquisa participante, que se propõe transformar e transforma-se na relação, os saberes gerados por esta pesquisa buscavam também este movimento.

No ano de 2000, inicia-se na escola da Barra do Ribeira um projeto de educação ambiental desenvolvido por jovens da comunidade. Estes jovens, monitores ambientais, buscavam para além do trabalho com o turismo ecológico, a sua organização coletiva pela Associação de Monitores Ambientais de Iguape, bem como seu papel como

educadores na comunidade. A pesquisadora via neste trabalho intensidades de saberes buscando permear o espaço escolar. Acompanha durante dois anos o projeto observando a interação entre os saberes da experiência dos monitores ambientais e dos professores e destes com os seus, bem como as relações de reconhecimento e estranhamento entre estes diferentes profissionais da educação. Buscava contribuições deste olhar para a discussão sobre a relação entre escola e a comunidade e entre os saberes que se constroem nestes diferentes espaços educativos num contexto de conflito sócio-ambiental.

Partindo do conceito de experiência de Jorge Larrosa, os saberes de experiência dos professores, dos monitores ambientais e da pesquisadora entrariam em diálogo à medida que se transformassem durante, ou depois, da própria experiência de interação, já que *"ninguém pode aprender a experiência de outro a menos que essa experiência seja revivida e tornada própria."*¹

O diálogo de saberes da experiência entendido como o vivenciar conjunto de experiências, o *"reviver e tornar próprio"*, subentende a possibilidade do encontro, da interação e do deixar-se permear pelo outro e ao mesmo tempo diferenciar-se dele. E este encontro com o outro remete-nos, ao mesmo tempo, a nós mesmos, à construção de nossa própria identidade.

Os diversos encontros ocorridos entre a pesquisadora e as situações ligadas direta ou indiretamente ao projeto de educação ambiental foram sendo registrados de diversas formas. Estas diferentes maneiras de trazer os sentidos das experiências vividas em campo foram revelando múltiplas identidades narrativas, que recriavam, a cada formato, os chamados "dados" das pesquisas.

Ao retornar do campo entregava-se a difícil tarefa de garimpar, selecionar, reordenar os fatos, por meio de uma escrita descritiva. Estes registros traziam o desenho de um bordado, o processo da pesquisa participante, e as decisões e atuações coletivas que foram se conformando durante o trabalho. Desenho que buscava alinhar pessoas-fios com suas diversas idéias, pensamentos, desejos, expectativas, jeitos de fazer, conflitos, - cores, espessuras, texturas, pontos e nós - numa conformação geral, coletiva, mais ou menos coesa e linear.

Mas no avesso outros desenhos se formavam, descontínuos na mudança de cores e pontos, interrompidos por espaços vazios e fios soltos, cada um apontado para uma direção diferente. A desconexão do cotidiano. Isso pedia uma outra escrita, um segundo exercício narrativo, no qual também coubessem as discontinuidades do tempo, as circularidades da memória, os fragmentos, os acontecimentos sem antes e nem depois.

¹ Ibidem, s/p

Esta ânsia por uma segunda maneira de contar o vivido, foi interagindo e inter cruzando-se com uma terceira narrativa: a fotografia.

Ao mesmo tempo em que os registros escritos eram feitos depois do campo, um álbum fotográfico se fazia paralelo. Paralela, a linguagem imagética assumia sua especificidade, sua diferença em relação às palavras.

E mesmo marcadas por suas diferenças inerentes, as palavras e as imagens encontravam-se em alguns momentos, os fios paralelos por vezes entremeavam-se, transformando um ao outro. E neste entremear, a influência da fotografia na escrita narrativa ia ficando cada vez mais marcante, tanto pela própria experiência de fotografar em campo, quanto pela experiência do vaguear posterior pelas imagens reveladas. Iniciemos por esta segunda experiência.

*"O vaguear do olhar sobre uma imagem reconstitui a dimensão do tempo. O vaguear do olhar é circular, tende a voltar a contemplar elementos já vistos. Assim, o "antes" se torna "depois" e o "depois" se torna "antes". O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno."*²

*"[...] as certezas desabam e se confundem a medida que meu olhar, mergulhado nela cada vez se dissolve e se renova. A fotografia não funciona sem a nossa participação, nosso olhar a desmantela e a reconstrói a cada captura."*³

O contato com as fotografias da escola, dos rios, dos mares, das ruas da Barra, das pessoas possibilitou a abertura a um olhar contemplativo, circular, que não fechava-se em explicações de processos. As fotografias pareciam levar a um pensar mais solto e aberto à experiência da novidade, da evasão, do imaginar:

*"A propósito de qualquer imagem que nos impressiona, devemos indagar-nos: qual o arroubo lingüístico que essa imagem libera em nós? [...] Para bem sentir o papel imaginante da linguagem, é preciso procurar pacientemente, a propósito de todas as palavras, os desejos de alteridade, os desejos de duplo sentido, os desejos da metáfora [...] Pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas [...] Imaginar é ausentar-se, lançar-se a uma vida nova."*⁴

² FLÜSSER, 1985, p.14

⁴ SAMAIN, 1993, p.4

⁴ BACHELARD, 2001: 3.

Estes contatos com a fotografia foram fazendo circular outras palavras menos preocupadas com o "*curso ordinário das coisas*".

Além do olhar sobre as imagens, a própria experiência de fotografar em campo, trouxe marcas à narrativa escrita, e também a maneira de se entender como pesquisador. Pela câmera fotográfica, o cotidiano era trazido em seus fragmentos. Era uma outra forma de estar em campo, diferente daquela que buscava as conexões entre os fatos, as causas e os efeitos das coisas. Fotografando não era possível insistir nas minhas buscas pela linearidade do tempo.

José Machado Pais discorre sobre a maneira que Simmel, sociólogo do cotidiano, lança seu olhar sobre as coisas cotidianas:

*"Para Simmel - este pintor do social para quem a sociologia era de resto, uma forma de arte [...] as observações fugazes da realidade constituem a essência de sua sociologia [...]. Neste deslizar do olhar pelo social - nos seus aspectos mais particulares, acidentais e superficiais - o fotografar é um processo de capturar o fugaz que o olhar vagabundo do fotógrafo (ou sociólogo) possibilita."*⁵

Esta aproximação entre o olhar do pesquisador com o clique instantâneo da câmera fotográfica remete-nos à aceitação de que este nosso olhar é "*provisório, interino, experimental*", de que "*nada nos é dado como produto acabado ou integrado num sistema único e totalitário*"⁶ e de que como na fotografia um foco implica sempre em um desfocar. "*Não corresponde o ato de mostrar a um processo de centração (atenção) do olhar que implica uma descentralização (desatenção) relativamente ao que circunda o centro da atenção? Não é verdade que o conhecimento arrasta sempre, como a sua sombra, o desconhecido?*"⁷.

Aceitar que a escola, as situações e os indícios da relação entre professores e monitores ambientais não se entregavam, apenas se insinuavam e tinham de ser imaginados, descobertos, construídos pela pesquisadora. Como na perspectiva sociológica de Simmel em que "*[...] a alma da sociologia da vida quotidiana não está nos fatos mas está no modo como se acerca desses fatos, ditos quotidianos - o modo como os interroga e os revela.*"

⁵PAIS, 1993, p.107

⁶ Ibidem, p.111.

⁷ Ibidem, p.111.

A partir destas reflexões, paralelos aos registros lineares dos processos da pesquisa, outros foram sendo redigidos com uma escrita que se aproximava ao formato de cenas, instantes permeados por vazios. Esta narrativa fragmentada, metafórica e despreocupada com o compromisso de dar respostas, era a tentativa de mostrar os fios soltos e os nós do avesso descontínuo das situações vivenciadas. E assim, exercitava o desafio de contar tendo o não visto como sombra, o talvez por detrás das afirmações e análises.

A decisão pela linguagem narrativa durante a pesquisa pareceu sempre inevitável.

*"El tiempo de nuestras vidas es, entonces, tiempo narrado; es el tiempo articulado en una historia; es la historia de nosotros mismos tal como somos capaces de imaginarla, de interpretarla, de contarla y contar(nos)la. Más o menos nítida, más ou menos delirante, más o menos fragmentada. Y és así, como narración, que cada punto del camino contieno todo el camino [...] Y es en tanto que narrador, el caminante se contiene a sí mismo en toda la extensión de caminar su camino."*⁸

A narrativa parece ser um possibilidade de contar o caminho percorrido na pesquisa e ao mesmo tempo como um caminhar novo por entre as coisas vividas. Contar as experiências vivenciando este ato de narrar também como experiência. Caminhando, sempre caminhando...

Ao mesmo tempo que o ato de narrar as experiências traz a tona identidades, vivenciado como experiência também as criam e recriam tornando-se assim, um *"mecanismo fundamental de comprensión de sí mismo"*⁹. Uma compreensão entendida não como descoberta de uma essência única, mas como abertura de espaços às múltiplas possibilidades de ser. Talvez, na ciência devamos buscar também uma identidade narrativa, uma linguagem em movimento que não se estabelece em um lugar, *"encontrando sempre o gosto ácido do devir, da metamorfose"*¹⁰.

BIBLIOGRAFIA:

LARROSA, Jorge. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência *Leituras da Secretaria Municipal de Campinas*, Campinas, SP, n.04, julho de 2001. s/p.

⁸ LARROSA, 1996, p.468

⁹ LARROSA, 1996, p.461

¹² LARROSA, 2000, p.40

FLÜSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985.

SAMAIN, Etienne, *A Fotografia Tentacular: subsídios críticos para uma arte de ver e pensar*, Campinas, SP, 1993, Multimeios - Instituto de Artes, Unicamp.

BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Tradução Antonio Pádua Danesi. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAIS, José Machado. Nas Rotas do Quotidiano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.37, junho de 1993. p.105-114.

LARROSA, Jorge. Os Paradoxos da Autoconsciência: um conto com prólogo, epílogo e moral, segundo alguns fragmentos das Confissões de Rousseau. In: LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 21-43.

LARROSA, Jorge. Narrativa, Identidad e Desidentificación. In: LARROSA, Jorge. *La Experiência de la Lectura: estudios sobre literatura e formación*. Barcelona: Laertes S.A., 1996.
